

LEGENDA DO B. FRANCISCO DE SENA

Introdução

A *Legenda do bem-aventurado Francisco de Sena* (1266-1328) narra os acontecimentos da vida de um frade natural da cidade de Sena, que entrou no convento dos Servos de Maria de Sena em 1288, dezesseis anos depois do bem-aventurado Joaquim, e foi ordenado sacerdote em 1291.

A visão que abre o relato sintetiza a atitude espiritual profunda que inspirou a experiência religiosa do bem-aventurado Francisco: o lírio, que sua mãe viu em sonho quando estava prestes a dar-lhe a luz (nº 2), é símbolo da vida virginal entendida como dedicação exclusiva a Deus e àquela que é, para ele, a Virgem gloriosa ou a Rainha das virgens ou simplesmente a Virgem. Esta luz puríssima aparece em cada gesto e ação de Francisco: antes de tudo, no seu grande amor à Palavra, escutada e anunciada com fidelidade até o último momento de sua vida; na profundidade do seu olhar que penetra os corações dos homens e das mulheres que encontram nele um pai e um amigo; no acolhimento misericordioso dos pecadores; na terna devoção à Mãe de Deus; e na caridade para com os pobres e deserdados.

A *Legenda* do bem-aventurado Francisco de Sena foi escrita por um seu amigo e confidente, frei Cristóvão de Parma, que residiu no convento de Sena antes de 1328, foi prior provincial da Toscana de 1230 a 1231 e vigário do prior geral, frei Pedro de Todi, até 31 de dezembro de 1341.

Duas passagens da *Legenda* confirmam a identidade do autor. Na primeira, narra-se que o bem-aventurado Francisco, no dia antes de morrer, a confiou ao seu confessor o encargo de transmitir os últimos fatos prodigiosos de sua vida a frei Cristóvão de Parma, “caríssimo pai e meu filho, a quem em outras ocasiões revelei alguns segredos” (nº 29); e foi “a mim – diz o autor da *Legenda*, identificando-se assim como sendo frei Cristóvão – que (o confessor) revelou o que acabo de relatar” (*ibid.*).

A segunda passagem encontra-se no longo depoimento de frei Bento “Geri”, provável copista e redator final da *Legenda*, que entrou no convento de Sena em 1341 (nº 58), que conclui o primeiro elenco dos milagres (nº 36-55), ocorridos depois da morte de Francisco. “Até este ponto – diz ele – o Reverendo frei Cristóvão de Parma, digníssimo vigário do prior geral da nossa eminente Ordem, escreveu a *Legenda*, compôs a vida e relatou os grandes milagres do nosso bem-aventurado Padre Francisco” (nº 56). E a esta altura, frei Bento acrescenta o milagre com que ele mesmo foi agraciado, em agosto de 1329, quando tinha 4 anos de idade, junto ao túmulo do bem-aventurado Francisco (nº 57).

Partindo da menção da peste que assolou os países da Europa em 1348 (cf. o nº 25), frei Agostinho M. Soulier coloca a redação da *Legenda* numa época posterior, isto entre 1355 e 1360. Mas frei Davide M. Montagna não concorda com essa data. Acha impossível que por volta de 1350 continue ainda atuante no campo da hagiografia da Ordem um “secretário de frei Pedro de Todi”, morto em 1344 e há mais de uma década em descrédito junto a alguns conventos da Ordem. Segundo ele, esta *Legenda* deve ser colocada no mesmo período em que foi escrita a *Legenda* do bem-aventurado Joaquim, isto é, entre 1330 e 1335.

A menção da peste de 1348 poderia ser um acréscimo do copista e redator final identificado como frei Bento “Geri”. Este teria transcrito e completado o texto original depois de 1348-49 ou, no máximo, por volta de 1374, no governo do prior geral frei André de

Faenza, que muito se interessou para conservar as memórias hagiográficas das origens da Ordem.

A *Legenda do bem-aventurado Francisco* tem um estilo e um fundo teológico diferente da *Legenda do bem-aventurado Joaquim*. É obra de uma pessoa culta, muito próxima do autor da *Legenda sobre a origem da Ordem*.

Edições

- A *Legenda do bem-aventurado Francisco* encontra-se no mesmo códice (Vat. Lat. 10.187, f. 276v-284) onde se encontra a *Legenda do bem-aventurado Joaquim*.

- Uma primeira edição parcial, nem sempre correta, encontra-se na respectiva *Positio super dubio: na sententia lata ... super cultu ab immemotabili tempore, praedicto beato exhibito, seu super casu excepto... sit confirmanda*, Romae, Typographia Ver. Camerae Apostolicae, 1743, p. 15-28. Agostinho M. Soulier a publicou, a partir de uma cópia de Palombella, in *Analecta Bollandiana*, XIV (1895), p. 167-197 e, depois da descoberta do códice vaticano, fez uma segunda edição em *Monumenta OSM*, V, p. 22-45.

- Uma tradução em língua italiana foi publicada por E. M. FIORETTO e E. M. BEDONT, com notas de F. A. DAL PINO, em *Due beati senesi: legende trecentesche dei beati Giacchino e Francesco*, Vicenza 1965, p. 21-23 (*Parisi Servorum*, 7).

Bibliografia

- F. DAL PINO, *François de Sienne, bienheureux servite italien*, in *Dictionnaire d'histoire et de géographie ecclésiastique*, XXV, Paris, 1975, col.. 766-767.

- D. M. MONTAGNA, *Il santorale dei Servi di santa Maria sino a fra Pietro da Todi (1314-1344)*. II. *Nuova datazione della "Legenda beati Francisci de Senis"*, "Studi Storici OSM", 43 (1993), p. 17-19.

- P. M. SUÁREZ, *Spiritualità mariana dei frati Servi di Maria nei documenti agiografici del secolo XIV*, "Studi Storici OSM", 9 (1959), p. 133-134 e *passim*; 10 (1960), p. 1-41.

- P. M. SUÁREZ, *Francesco da Siena*, in *Biblioteca Sanctorum*, V. Roma, 1964, p. 1186-1188.

LEGENDA
DO BEM-AVENTURADO FRANCISCO DE SENA
CONFESSOR DA ORDEM DOS FRADES
SERVOS DE SANTA MARIA

1. Muitas vezes e de muitas maneiras, irmãos queridos, falou Deus outrora aos nossos pais pelos profetas. Agora, nestes últimos tempos, nos falou¹ por meio do seu servo Francisco, que o Pai das misericórdias² chamou das trevas para a sua luz admirável³, para que deixemos de lado a maldade e os desejos profanos - como diz o apóstolo Paulo, o maior dos teólogos - e vivamos neste mundo com sobriedade, justiça e piedade. E aguardemos assim a sorte que esperamos⁴, isto é, a futura glória prometida aos fiéis que como atletas correm no estádio⁵.

Irmãos caríssimos, neste breve e singelo relato, recordaremos o nascimento do bem-aventurado Francisco para a vida e para a graça e a sua santa passagem deste mundo para a glória celeste, onde agora reina para sempre.

2. Nosso santo pai Francisco, testemunha fiel de Cristo, nasceu na cidade de Sena, região da Toscana. Os pais, Henrique e Reinaldesca, eram pessoas importantes na sociedade, mas eram mais notáveis ainda por sua vida de fé e integridade moral e pela prática da vida cristã.

Aproximando-se a hora do parto, sua mãe sonhou que dava à luz um lírio com raízes profundas, de cujo caule muitos outros lírios floresciam exuberantes. Ela colheu as flores, fez com elas uma coroa e colocou-a na cabeça da Rainha das Virgens⁶. Ao acordar, contou ao marido a visão que tivera. Ele, porém, não acreditou que fosse uma visão, mas um simples sonho.

Voltando a dormir, ela teve outra visão extraordinária: encontrava-se numa igreja muito bonita, onde um bispo, vestido com os paramentos pontificais e rodeado de clérigos, celebrava solenemente a Eucaristia. De repente, o bispo a chamou e ela pôs-se a tremer de medo. "Mulher - disse ele - não tenhas medo. De ti nascerá o lírio que viste em sonho. Ele passará pelos caminhos corruptos deste mundo, mas não se contaminará". Depois, com o báculo traçou o sinal da cruz sobre o ventre da mulher. Ao acordar, com sua fé simples, ela entendeu a visão que o Senhor lhe concedera, e disto guardou segredo até a morte.

3. Poucos dias depois, as vizinhas a assistiram no parto e a felicitaram como se fosse uma nova Isabel⁷. Renascido nas águas do batismo, o menino foi retirado da fonte batismal pelo padrinho e entregue à parteira para que o vestisse. Envolvendo-o em panos, a parteira o consagrou diante da imagem da Virgem gloriosa. Ungido pelo crisma celestial, o menino abriu os olhos, pulou de alegria⁸ e, com gestos que a idade lhe permitia, fazia menção de saudar a Virgem gloriosa. Esses primeiros momentos de sua vida mostravam como seria o seu futuro⁹ e o alto grau de virtude que haveria de alcançar no jardim da Virgem gloriosa¹⁰.

4. Depois que o menino foi desmamado pela mãe, que o havia sempre alimentado no peito, iniciou os primeiros passos no caminho da ciência. Qual novo Samuel¹¹, foi educado no templo do Senhor, para que sempre morasse em seus átrios. Aos dez anos de idade, já órfão de pai, cheio da graça de Deus, começou a freqüentar as igrejas como ouvinte assíduo da Palavra de Deus, suscitando a admiração de todos. Qualquer palavra ou frase que, na sua

idade, conseguia captar, ele a meditava no seu interior e guardava na pequena biblioteca¹² do seu coração como flor escolhida.

5. Naquele tempo, vivia em Sena o bem-aventurado Ambrósio, eleito de Deus e frade exemplar da Ordem dos Pregadores¹³, muito conhecido na cidade por sua vida e fama, principalmente por suas pregações.

Francisco, ainda criança, atraído pelas palavras deste santo frade, deixava de lado os brinquedos e folguedos infantis próprios da idade, para não perder uma sequer de suas pregações, que scutava do começo ao fim. Mais de uma vez, durante a quaresma, passava a noite de plantão e rezando diante do cemitério ou da porta da igreja dos Pregadores.

Certo dia, num sermão, o bem-aventurado Ambrósio lembrou com muito fervor estas palavras que, em tempos remotos, foram ditas a Arsênio: "Arsênio, foge da companhia dos homens e te salvarás"¹⁴. Tais palavras ficaram gravadas no coração do menino que, desde então, decidiu abandonar tudo e levar vida solitária nas grutas do deserto¹⁵. E ele o teria feito, se sua mãe não necessitasse de atenções e cuidados. Para pôr à prova a humildade e paciência de Francisco, Deus havia permitido que ela ficasse cega. E ele, para não transgredir o mandamento do Senhor, ficou com a mãe até que ela faleceu. Tinha então vinte e dois anos de idade.

Foi assim que a generosidade e a compaixão cresceram com ele desde a mais tenra idade. Era compassivo não só com os familiares, mas também com todos os sofredores, redimidos pelo sangue de Cristo.

6. O jovem Francisco escolhera a Virgem gloriosa como sua Mãe e Senhora. De tal forma a reverenciava no espírito e no coração que só a chamava de "Senhora"¹⁶. Noite e dia, até quinhentas vezes ajoelhava-se diante da sua imagem para rezar a Ave-Maria e outras preces de louvor. Suplicava a Virgem gloriosa que o lírio da sua virgindade jamais fosse manchado. Humildade de coração, paciência nas contrariedades e fortaleza nas tentações do inimigo, era o que mais insistentemente pedia com grande fervor. Obrigava resolutamente a carne a obedecer ao espírito. Quando paixões violentas aflagavam o seu espírito, com lamentos de dor, agarrava-se a Cristo, sua rocha e fortaleza, e à Virgem gloriosa, sua Senhora. Com lágrimas e gemidos, purificava-se dos pecados veniais que muitas vezes penetravam sorrateiramente em sua mente. Trazia um cilício no corpo e costumava flagelar-se.

7. Quando ficou órfão também de mãe, o jovem Francisco, finalmente livre de tudo que o ligava ao mundo, propôs-se a cumprir o que anelava no coração. Era seu desejo retirar-se a uma vida solitária, a fim de servir para sempre o Criador de todas as coisas e a Virgem gloriosa, sua Senhora¹⁷, a não ser que eles dispusessem diversamente. Frequentemente evocava e meditava em seu íntimo estas palavras: "*Foge da companhia dos homens*". Entretanto, o Espírito Santo fez-lhe ver que o mal não estava em conviver com os homens, mas em imitar os seus vícios. Até pelo contrário, tal convívio o levaria a adquirir maiores méritos se, por suas palavras e exemplos, conseguisse livrar os homens das garras do inimigo e reconduzir para o caminho da justiça os que, como bestas, se deixavam enganar pelas insinuações do demônio.

8. Francisco compreendeu que era o Senhor mesmo que lhe falava pela palavra profética do bem-aventurado Ambrósio. Instruído por esse oráculo e pela Palavra de Deus, compreendeu que era preferível viver numa Ordem religiosa sob o compromisso da obediência a oferecer sacrifícios e vítimas¹⁸. Numa Ordem religiosa, poderia seguir a Cristo

pobre, despojado de tudo, e imitar a Virgem gloriosa. E, sendo casto, poderia melhor servir a Virgem Mãe e o seu Filho, oferecendo-lhes o lírio da sua pureza e virgindade.

Assim foi que, com a idade de vinte e dois anos, ingressou na Ordem dos Servos de Maria, na qual viveu com grande alegria. Prova disso são os últimos momentos de sua vida. Frades e companheiros seus são testemunhas do alto grau de perfeição que alcançou, graças à ajuda do Autor de todas virtudes.

Eu mesmo dou testemunho diante de Deus e de todos os santos que de suas virtudes nada mais direi do que aquilo que eu mesmo vi com os meus olhos e que ele me confidenciou antes de morrer. Faço-o, não para receber elogios dos aduladores, mas para ressaltar, com toda verdade, a glória divina, a majestade e a honra devida a Maria, Virgem sem mancha, cujo patrocínio a cada instante ele implorava.

9. Cheio da graça de Deus, o santo homem, como eu mesmo ouvi dele em confissão, não lembrava, nem tinha consciência de ter cometido pecado algum em pensamentos ou obras, desde a infância até a velhice. Todos os dias, com preces e lágrimas, rogava a Virgem gloriosa que antes se lhe desprendesse a alma do corpo, com a morte, do que cair nas ciladas do pecado atual e voluntário. Repetia amiúde estas palavras de Salomão: "*Foge do pecado como de uma serpente*"¹⁹. Se lhe ocorria descobrir em sua alma qualquer vestígio de culpa venial, purificava-se no sacramento salutar da Penitência, ao qual recorria com frequência, pela manhã e à tarde.

10. Aos vinte e cinco anos de idade, ou seja, menos de três anos depois de ingressar na Ordem, foi elevado à dignidade de presbítero. Tão grande era sua devoção ao sacramento da Eucaristia que a celebrava todos os dias. Costumava dizer: "Não convém a um servo de Deus ficar um dia sequer sem o viático, porque incerta é a hora da morte e não se sabe quando o Senhor virá"²⁰.

Na celebração da Eucaristia, refletia em seu semblante toda a sua alegria e gozo interior. Dava a impressão de estar vendo o próprio Cristo encarnado e glorioso, sem as aparências que o ocultam no sacramento. Se depois da celebração algum frade lhe perguntava: "O que houve contigo, frei Francisco? Que aconteceu durante a missa que te vi tão alegre e sorridente?", o santo homem, envergonhado, respondia: "Deus te perdoe, filho, porque ousaste olhar o rosto do sacerdote. Não convém ficar olhando o rosto ou a pessoa do celebrante, quando está presente o Corpo santo de Jesus. Lembra-te que só Moisés entrava no Santo dos Santos. Nenhum filho de Israel podia olhar o seu rosto que se tornava radiante depois de falar com Deus"²¹.

Seu confessor, ao ouvir tais palavras, pediu-lhe que tornasse público o que lhe fora revelado. Ao que ele respondeu: "Meu segredo fica comigo"²². Quem carrega um tesouro pelas ruas, à vista de todos, expõe-se ao assalto". Frei Francisco fora agraciado por Deus com a presença de espírito e o dom da palavra. Por isso, quando interpelado, sempre tinha a resposta pronta, como se nem precisasse pensar. E suas respostas satisfaziam a todos.

11. Frei Francisco dedicava-se com zelo à pregação da Palavra de Deus ao povo. O Senhor o havia dotado para esta missão. Às vezes, quando solicitado a pregar, mesmo de improviso, depois de orar diante do Crucifixo e da imagem da Virgem gloriosa e de pedir a bênção do prior ou de outro sacerdote, distribuía abundante o pão da Palavra de Deus, transmitindo ao povo palavras de vida.

Alguns frades, porém, punham em dúvida a sua sabedoria e não acreditavam que ele pudesse proclamar de improviso a Palavra de Deus. Por isso, decidiram pô-lo à prova. O prior o chamou e ordenou que subisse imediatamente ao púlpito para pregar ao povo.

Recebida a bênção, frei Francisco dirigiu-se à igreja rezando a Ave-Maria e dizendo: "*O Senhor esteja em meu coração e em meus lábios para que eu possa proclamar dignamente o seu Evangelho*"²³.

Enquanto um confrade o acompanhava em silêncio, outro lhe perguntou como ousava pregar a Palavra de Deus sem preparar-se. "É o Senhor quem dá a sabedoria, da sua boca procedem a riqueza e a glória"²⁴, respondeu ele. E acrescentou: "Se alguém precisar de sabedoria, peça-a a Deus, que a distribui a todos em profusão, sem arrependê-lo"²⁵. E concluiu: "Não sabes que Nossa Senhora é cheia de graça?". Dito isso, subiu ao púlpito e sua pregação foi mais brilhante que de costume. Os confrades deram graças ao Senhor.

Os fariseus ficaram admirados diante da doutrina do Senhor e do conhecimento da Lei que tinham os apóstolos Pedro e João, que sequer sabiam ler e escrever²⁶. Da mesma forma, todos ficavam admirados diante das pregações de frei Francisco. Interpelado como fazia para pregar tão bem, sem ter estudado, ele respondia: "Não a erudição, mas a unção; não a ciência, mas a consciência; não a quantidade de livros, mas a caridade: isto é o que ensina a teologia".

12. Certo dia, enquanto pregava com grande fervor a Palavra de Deus, duas jovens que o escutavam tiveram a felicidade de ver com os próprios olhos um grande prodígio. Como elas mesmas relataram ao confessor, primeiro juntas e depois em separado, enquanto o servo de Deus Francisco pregava com fervor ao povo, uma bola de fogo baixou sobre a sua cabeça. Viram depois algo semelhante a uma estrela brilhante descer até o seu ombro direito, donde emitia raios de luz em direção aos lábios. Terminado o sermão, a estrela elevou-se acima de sua cabeça, onde tomou a forma de um cândido lírio. Diante disso, convenceram-se de que Deus havia realmente derramado sobre ele abundantes graças.

13. O servo de Deus Francisco tinha o dom especial do aconselhamento. Muitos homens e mulheres, das mais diversas condições sociais, recorriam a ele com frequência.

Ora, alguns confrades encheram-se de inveja e murmuravam que Francisco, com a desculpa de ouvir confissões, mantinha excessivo contato com seculares, homens e mulheres. Ao saber disso, o servo de Deus ficou amargurado por ver-se motivo de escândalo e de pecado para os outros. Desejando, como Maria, escolher a melhor parte²⁷ e não ser para ninguém motivo de escândalo e de pecado, prostrou-se diante da imagem da Virgem gloriosa e lhe fez esta súplica: "Mãe querida, Virgem cheia de bondade, Rainha dos céus, Senhora dos anjos, Mãe da graça e da misericórdia, suplico-te, Mãe dulcíssima e Advogada dos pecadores, que disponhas de mim, teu indigno servo, de minhas ações e intenções, como melhor te aprouver, que me mantenha sempre fiel em teu serviço e que nunca seja motivo de escândalo para o próximo" (14). Ao fazer essa oração, chorava amargamente. Costumava dizer que neste mundo não se deve fazer qualquer pedido ao Criador ou à Rainha dos céus sem derramar lágrimas. Terminada a oração diante da imagem, adormeceu levemente e ouviu uma voz que dizia: "*Tua oração foi ouvida*".

Altas horas da noite, quando tudo jazia em profundo silêncio²⁸, Francisco, como de costume, levantou-se do seu catre para celebrar com os confrades os louvores noturnos das Matinas. Iniciada a oração, deu-se conta que estava surdo. Compreendeu então que sua oração havia sido atendida pelo Senhor. Quando os frades o chamavam, ele apontava com o dedo os ouvidos e, com gestos, dava a entender que estava surdo. Os frades e os leigos ficaram preocupados e queriam chamar o médico, mas ele se opôs terminantemente. Interrogado sobre a causa de sua surdez, respondeu: "Os males que aqui nos oprimem levam-nos a recorrer a Deus. Já caiu uma das portas da cidade, para que aprendamos a não

empenhar as nossas forças na defesa de uma cidade perecível, mas sim da cidade perene e inabalável de Deus¹²⁹.

14. O servo de Deus encheu-se de alegria ao dar-se conta que a graça se manifestava nele. Era sempre mais fervoroso em servir a Deus, dedicava-se sem reservas à Virgem gloriosa e meditava dia e noite na Lei do Senhor³⁰ e na melhor maneira de progredir no caminho das virtudes". Que mais direi, irmãos caríssimos? Se eu fosse descrever uma por uma as suas virtudes, creio que não seria suficiente a pena de um escriba.

A não ser por motivo de doença ou de extrema fraqueza, nunca ou raramente se deitava em leito macio, mas sempre sobre tábuas ou no chão, com um pequeno travesseiro debaixo da cabeça. Aí reclinava seu corpo cansado. Se o sono o surpreendia durante o dia ou à noite, levantava-se sem demora e dirigia-se ao oratório que havia erigido em sua cela, onde se punha a orar diante da imagem da Virgem gloriosa. Muitas vezes, após a recitação das horas do Ofício divino, rezava com devoção a saudação angélica e outras preces de louvor à Virgem gloriosa.

Todos os dias invocava a milícia dos anjos e espíritos celestes, o coro glorioso dos apóstolos, o venerável colégio dos patriarcas, dos confessores e dos profetas, o exército seletos dos mártires de Cristo e das santas virgens; aos quais reverenciava com grande devoção e com palavras simples, que brotavam espontâneas dos seus lábios.

Exortava a todos a servir a Mãe de Cristo. Era assim que, com grande fervor, ornava a cabeça da Rainha dos céus com uma coroa de flores, a mesma que sua mãe vira em sonho.

15. Que mais direi? Sobre o seu espírito de humildade há muitos frades que podem testemunhar. Era tão humilde que se considerava o menor de todos, diante dos superiores e dos confrades e até das crianças.

Considerava os mais velhos como pais e senhores, os de sua idade como pais, os mais novos como irmãos queridos. E se acontecia que alguém, mesmo dos mais novos, o ofendesse - como sói acontecer entre confrades -, ele se reconhecia culpado mesmo sem sê-lo. Com extrema humildade, prostrava-se de joelhos aos pés do irmão e assim permanecia até que este o obrigasse a levantar-se. Raramente intervinha nas conversas dos confrades, a não ser que fosse explicitamente convidado pelos superiores.

16. Era sensível e caridoso com os confrades e com o próximo, principalmente com crianças, órfãos, viúvas, sofredores e todos os que viviam na amargura e no perigo. Chegava a desfazer-se de suas roupas para cobrir as necessidades do próximo. Não te escandalize o que acabo de dizer, pois ele tinha permissão dos superiores para fazer livremente o que o Espírito Santo lhe sugerisse.

Muitas vezes recorria aos ricos, homens e mulheres, e tudo o que deles recebia, dava-o generosamente aos oprimidos pela vergonha e pela miséria. Com isso - dizia - alcançam-se dois objetivos: o mérito do doador e o proveito do necessitado.

17. O homem de Deus percorria amiúde as ruas da cidade, pregando a todos a Boa Nova. Era mediador de paz entre inimigos e adversários e consolador benigno dos que viviam oprimidos por quaisquer calamidades. Toda vez que se interpunha como pacificador entre as partes conflitantes, sempre conseguia o benefício da reconciliação.

18. Muitas senhoras idosas e jovens de famílias ricas, quando adoeciam, recorriam ao servo de Deus. Ele rezava por elas, impunha-lhes suas santas mãos e, fazendo o sinal-da-cruz sobre a parte dolorida, devolvia-lhes o dom da saúde.

Contou-me frei Pedro de Città di Castello que, sofrendo de fortes dores numa vista, pediu ao servo de Deus Francisco que traçasse o sinal-da-cruz sobre o seu olho. Ele, bondoso no coração e nas obras, atendeu-o prontamente e a dor desapareceu. É supérfluo dizer com quanto carinho ele recebia os hóspedes e peregrinos. Tratava-os de maneira tal que até esqueciam o cansaço e as dores da caminhada.

19. Era sóbrio no comer. Costumava dizer que ao asno servidor (assim ele considerava o corpo) não se deve negar o alimento necessário³¹, para que não se recuse a obedecer, nem se revolte³². Um corpo bem alimentado estará sempre pronto e forte para fazer o bem. E acrescentava: "Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus"³³.

20. Certa vez, dirigia-se o servo de Deus Francisco a um povoado chamado Santa Columba, na diocese de Sena, onde devia pregar a Palavra de Deus. Pelo caminho, ao subir uma ladeira, sendo bastante corpulento e sentindo o cansaço e o calor, teve vontade de molhar os lábios com um pouco de vinho misturado com água. Chegando a um sítio, pediu ao proprietário um pouco de vinho e água pelo amor da bem-aventurada Virgem Maria. O tal, que era muito grosseiro, não o atendeu, alegando não ter a chave da adega. O homem de Deus, afastou-se humilhado.

Alguns passos adiante, disse ao companheiro de viagem: "Deus dá-se por ofendido quando se nega o necessário aos seus servos. Os que servem o altar - diz o apóstolo Paulo - devem viver do altar³⁴. Não é injusto pedir aos leigos que nos acudam em nossas necessidades materiais, quando nós os acudimos em suas necessidades espirituais³⁵. Penso que Deus deva estar indignado com este lugar". Dito isso, retomou o caminho.

Na noite seguinte, um forte temporal, incomum naquela estação do ano, abateu-se sobre o local, danificando as videiras e as plantações e destruindo todas as frutas, a uva e toda a vegetação. Em vez de verão, parecia estar em pleno inverno.

21. Toda vez que o servo de Deus Francisco devia ir para fora dos muros da cidade para pregar a Palavra de Deus ou por qualquer outro motivo, ajoelhava-se diante do prior, pedia a bênção e dele recebia o cajado de peregrino.

Muitas vezes, o companheiro de viagem lhe dizia que não era preciso cumprir esse ritual com tanta reverência. Ao que ele respondia: "Querido irmão, sabemos quando partimos, mas não sabemos como e quando o Senhor nos permitirá regressar. Cada dia deve ser considerado como o último da nossa vida".

22. Todos os dias, antes de os frades se levantarem para a reza das Laudes, castigava severamente o seu corpo com flagelações e oferecia os seus sofrimentos pelos vivos e pelos mortos. Se ouvisse os golpes que se infligia, dirias que batia em madeira ou pedra e não na própria carne.

23. Desejava ardentemente abandonar a tenda do seu corpo. Por isso, vibrava e seu rosto exultava de santa alegria quando repetia as palavras do apóstolo Paulo: "*O meu desejo é partir para ir estar com Cristo*"³⁶, e acrescentava "*pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro*"³⁷.

Aproximava-se para o bem-aventurado Francisco a plenitude dos tempos, que o Altíssimo Senhor havia decretado para libertar o seu espírito das amarras do corpo mortal e fazê-lo descansar de suas fadigas com os santos. Tinha cerca de sessenta e dois anos

quando o Senhor Ihe fez ver, através de alguns sinais, que era chegada a hora da chamada final e da morte.

24. Aproximava-se o dia da Ascensão do Senhor, quando Cristo, destruído o império da morte, subiu aos céus com seu corpo glorioso, para reinar por toda a eternidade.

Antes da solenidade, o servo do Altíssimo, ciente da iminência de sua partida deste mundo, não querendo deixar os filhos espirituais tristes e sem o conforto de sua bênção, entrou na cidade. Foi primeiro à casa de um certo Meoconi, seu amigo íntimo, e da mulher Guccia, também ela sinceramente ligada ao servo de Deus. Este casal, em tempos de prosperidade, freqüentemente o haviam socorrido com seus haveres. Dirigiu a senhora Guccia palavras de encorajamento e pediu que convocasse os filhos e filhas e os outros familiares. Uma vez reunidos, elevou os olhos e os braços ao céu e deu-lhes a bênção, impondo as mãos sobre cada um deles. Admirada, a piedosa senhora se perguntava por qual motivo teria agido tão insolitamente, mandando reunir toda a família, e por que tinha rezado tão longamente sobre cada um deles. "*O que acabo de fazer - disse o servo de Deus - tu não o compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde*"³⁸. Ao sair, encontrou o marido dela no lugar onde se reuniam os nobres da cidade e deu-lhe a bênção. O bom homem, surpreendido com esse gesto insólito, acabou ouvindo a mesma explicação dada à mulher.

Naqueles poucos dias que ainda lhe restavam, frei Francisco continuou distribuindo sua bênção a todos os amigos e filhos espirituais.

25. Era a véspera da festa da Ascensão. De manhã cedo, após receber o sacramento da Eucaristia, Francisco foi para a sua cela e se pôs a meditar profundamente no mistério da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo e na sua vida longa. Profunda angústia tomou conta dele e lágrimas brotaram-lhe dos olhos. Entre soluços e suspiros, rogava ao Senhor e à bem-aventurada Virgem gloriosa que libertassem o seu espírito da prisão do corpo. "Ó Rei e Rainha da glória - dizia - é chegada a hora de este corpo, feito do barro da terra, voltar novamente para a terra; e de meu espírito, libertado destas cadeias, retornar para vós".

Estava absorvido em súplicas e lágrimas, quando um certo frei João de Cennina, seu amigo e devoto, aproximou-se e perguntou o que estava acontecendo. O homem de Deus, com calma e bondade, mudou de assunto e perguntou: "Meu filho, sabes que amanhã Nosso Senhor será elevado aos céus?" - "Sei, pai", respondeu o outro. - "Crês, meu filho - continuou Francisco - que Ele vá me deixar muito tempo ainda neste vale de lágrimas? Espero que quanto antes o Senhor me dê esta graça e não me retenha por mais tempo aqui nesta miséria".

Frei João, que morreu vítima da peste que se abateu sobre o mundo inteiro³⁹, guardou todas essas coisas na memória, embora então não as tivesse compreendido.

26. O servo de Deus compreendeu que era chegada a hora em que o Senhor levaria para junto de si a sua alma. Foi perdendo aos poucos as forças e, como se estivesse de mudança para outro lugar, começou a pôr em ordem os livros e todos os objetos de uso pessoal. Ao cair da tarde, no momento em que os frades se preparavam para a ceia, o servo de Deus Francisco pediu permissão ao prior provincial, frei Miguel de Città di Castello, e ao prior conventual, frei Nicolau de Sena, para tomar a refeição em companhia deles naquela noite. Mas ambos lhe negaram a permissão, alegando que poderia fazê-lo outro dia. Ele, então, disse: "Meus pais, não sabemos o que nos espera amanhã". Ao ouvir isso, os dois voltaram atrás e de bom grado permitiram que ceasse com eles. Já à mesa, radiante de alegria, Francisco exclamou: "*Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco*"⁴⁰. Os frades não compreenderam o que ele queria dizer.

Pensando que estivesse falando por analogia, continuaram tranqüilamente a refeição. O prior, então, lhe disse: "Frei Francisco, come a tua ceia tranqüilo com a bênção de Deus". Ao que o servo de Deus respondeu com um ditado popular: "Meu querido, não sabes que chegou o mensageiro exigindo a rendição do castelo e eu lhe respondi que aceitaria a rendição, contanto que a pessoa fosse preservada?" Acreditando que ele estivesse falando de algum castelo da cidade de Sena, os frades nada mais perguntaram. Terminada a ceia, o prior perguntou-lhe se o tal castelo era o seu corpo, uma vez que não havia comido quase nada. Mas Francisco não quis revelar o segredo que o Senhor lhe confiara.

27. Mais tarde, o servo de Deus Francisco deitou seu corpo cansado no catre, diante da imagem da Virgem gloriosa. Em sonho, viu a Santa Mãe com o Filho sentado nos joelhos e aconchegado ao colo. Ela conversava com o Menino e, a certa altura, perguntou: "Meu amor, amor de minhas entranhas, como recompensarei a este meu filho querido pelo serviço que me prestou?. O Menino respondeu: "É justo, mãe querida, que aquele que tanto nos amou esteja conosco no Reino e, em tua honra, seja venerado neste mundo".

Depois, o Menino, voltando-se para Francisco, fazia-lhe sinal com a mão para que se aproximasse e dizia: "Vem, vem meu querido⁴¹, amado de minha mãe, vem tomar parte na glória eterna com os santos⁴², tu que conservaste intacta e ilibada a virgindade do teu corpo".

28. Ao chamado do frade que acordava a comunidade para o Ofício noturno das Matinas, o servo de Deus dirigiu-se alegremente à igreja antes do terceiro toque do sino. Continuava ainda absorto na visão que tivera e dizia: "*Meu coração está pronto, meu Deus, está pronto o meu coração. Vou cantar e tocar para vós*"⁴³.

Alguns confrades que iam chegando para o Ofício coral perceberam que ele cantava mais alto que de costume alguns salmos e trechos do saltério. Se tu o visses, não acreditarias! Dizia ele: "*Ó Deus, vós me ensinastes desde a minha juventude, e hoje canto as vossas maravilhas*"⁴⁴. *Assim como a corça suspira pelas águas correntes, suspira igualmente minh'alma por vós, ó meu Deus! Minha alma tem sede de Deus, e deseja o Deus vivo. Quando terei a alegria de ver a face de Deus*"⁴⁵? *Quão amável, ó Senhor, é vossa casa, quanto a amo, Senhor Deus do universo! Minha alma desfalece de saudade e anseia pelos átrios do Senhor*"⁴⁶. *Como é grande, ó Senhor, vossa bondade, que reservastes para aqueles que vos temem*"⁴⁷, *para aqueles que em vós se refugiam. Senhor, eu amo a casa onde habitais e o lugar em que reside a vossa glória*"⁴⁸. *Ao Senhor eu peço apenas uma coisa, e é só isto que eu desejo: habitar no santuário do Senhor por toda a minha vida; saborear a suavidade do Senhor e contemplá-lo no seu templo*"⁴⁹. *Senhor, eu ponho em vós minha esperança; que eu não fique envergonhado eternamente! Porque sois justo, defendei-me e libertai-me, inclinai o vosso ouvido para mim: apressai-vos, ó Senhor, em socorrer-me! Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito!*"⁵⁰.

Terminada a celebração das Matinas, continuou a repetir essas invocações até à hora da reza das Laudes.

29. Preparando-se para celebrar a solene Eucaristia da Ascensão do Senhor, mandou chamar o confessor, que também o ouvira cantar os salmos, para que o ouvisse em confissão. Interpelado pelo confessor - como mais tarde ele mesmo me relatou - por que havia cantado os salmos de maneira tão inusitada, ele respondeu: "É vontade de Deus que não te oculte a visão que tive. Guarda-te, porém, de a revelares a quem quer que seja antes do tempo estabelecido. Meu filho, dentro em breve deixarei este mundo". "Não digas isso,

frei Francisco!", exclamou o confessor. Mas ele acrescentou: "Penso que não voltarás a verme celebrando a Eucaristia. Falta pouco para que o Senhor devolva o meu corpo à terra".

Depois, revelou-lhe a visão que tivera e como havia respondido. Ao ouvir isso, o confessor, triste e amargurado, fez menção de chorar. Mas frei Francisco lhe disse: "Não chores! Guarda contigo este segredo e, quando Deus quiser, revela-o ao meu caríssimo pai e filho frei Cristóvão de Parma, a quem já confiei outros segredos". E, pela terceira vez, insistiu com firmeza: "Não ouses revelá-lo a mais ninguém!"

30. Terminada a missa solene, sentiu-se esgotado e sem forças. Devia, porém, ir a um povoado chamado Presciano, perto de Sena, para pregar a Palavra de Deus. Por isso, prostrou-se diante do prior, pediu a bênção e a absolvição dos pecados e suplicou que lhe entregasse o cajado de caminhante. O prior negou-se a aceitar tais demonstrações de reverência, porque não sabia o que havia com Francisco e ignorava o seu segredo. O servo de Deus disse-lhe então: "Meu pai, na verdade não sei quantas vezes ainda lhe pedirei a bênção". Dito isso, com muita dificuldade, apoiando-se no cajado e acompanhado de um confrade, pôs-se a caminho.

Fora das portas da cidade, a uma distância de um lançamento de flecha, frei Francisco perdeu o equilíbrio e, sem qualquer resistência, caiu com o joelho direito por terra, exclamando: "*Eu vos amo, ó Senhor! Sois minha força, minha rocha, meu refúgio e Salvador!*"⁵¹. E acrescentou; "*Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco*". Era a saudação angélica que ele tinha sempre nos lábios. Apoiando-se no companheiro, fez menção de seguir viagem, pois queria ser obediente até a morte.

31. Cerca de trinta passos adiante, uma mulher desconhecida aproximou-se dele com um ramallete de rosas. "Frei Francisco - disse ela - recebe estas rosas". Agradecido, ele as tomou de suas mãos e, com as forças que lhe restavam, depositou-as aos pés de um quadro da Virgem gloriosa que se encontrava num eremitério aí existente. Depois, repetindo a saudação angélica, foi caindo lentamente, primeiro de joelhos e depois com todo o corpo estendido no chão. Prestes a morrer, quis oferecer-se à Virgem gloriosa como uma flor virginal.

Caríssimos irmãos, nosso Salvador - como todos sabem - consumou a agonia de sua sagrada paixão fora dos muros da cidade⁵², para que todos os povos dela tomassem conhecimento. Da mesma forma, o servo de Deus Francisco mereceu receber o Espírito da promessa e o prêmio da sua vocação fora dos muros da cidade, diante da imagem de sua Senhora, a Virgem gloriosa, para que sua santa morte fosse conhecida até as mais longínquas nações da terra.

32. Semimorto, foi levado para o convento. Enquanto chamavam o médico, o servo de Deus, sem poder falar, tentava expressar-se com gestos: movia a cabeça e os olhos, dando a entender que não precisava dos remédios que a medicina oferecia. Um confrade então lhe perguntou: "Frei Francisco, como te sentes? Que queres que eu faça?" O servo de Deus, abrindo os olhos, com o rosto radiante e com as poucas forças que lhe restavam, conseguiu balbuciar entre os lábios estas palavras: "*Tudo está terminado. Tranquilo vou deitar-me e na paz logo adormeço*"⁵³.

33. No silêncio da noite da vigília da Ascensão do Senhor, os frades cantavam no coro o salmo invitatório⁵⁴. O que cuidava de frei Francisco perguntou-lhe como se sentia, mas ele não respondeu. Quando as vozes corais cantavam as palavras: "*Oxalá ouvísseis hoje a sua*

voz: «*Não fecheis os corações*»⁵⁵, o servo de Deus, com um fio de voz, com o olhar e com gestos repetia tais palavras, dando a entender que, dentro em breve, o Senhor o chamaria.

A esta altura, cantava-se no coro: "*Quarenta anos desgostou-me aquela raça*"⁵⁶. Terminado o canto do salmo, frei Francisco gesticulou pedindo água. Pouco depois, balbuciou: "Não tenho medo de ti!" E, levantando um pouco os braços, disse: "Meu...". Com certeza, o servo de Deus havia proferido as mesmas palavras do Salvador: "*Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito*"⁵⁷.

Foi assim que, com sessenta e dois anos de idade, na presença dos confrades, frei Francisco entregou o seu espírito ao Senhor. Era o dia 26 de maio de 1328, décimo primeiro dia da indicação⁵⁸ e décimo segundo do pontificado do santo padre e senhor em Cristo, João XXII, por divina providência papa da sacrossanta Igreja romana e universal⁵⁹.

34. Da cidade, dos povoados e das aldeias vizinhas, muita gente correu para ver o corpo do santo, embora ninguém tivesse sido avisado da morte. Os frades ficaram estupefatos diante de tão repentino afluxo de pessoas, homens e mulheres.

Quantas lágrimas, gemidos, suspiros! Quantos gestos de pesar! Parecia até que uma catástrofe ou um massacre se tivesse abatido sobre a cidade. Choravam por ele como se fora um pai. Haviam perdido um consolador, um intercessor junto à Virgem gloriosa. "Que faremos agora, bom pai?", perguntavam. "Quem nos consolará agora que tu nos deixaste? Quem nos orientará no caminho da salvação?" Com lágrimas de dor, choravam por ele como se chora a perda de um filho único.

35. A comunidade dos religiosos e o colegiado dos clérigos reuniram-se para celebrar as solenes exéquias do santo corpo e dar-lhe honrosa sepultura. Celebrado o Ofício dos defuntos, o coral entoou o canto de entrada da missa das exéquias: "Dai-lhes Senhor, o descanso eterno". O povo, porém, interveio e obrigou os cantores a entoar: "*Alegremo-nos todos no Senhor, ao celebrarmos este dia de festa*"⁶⁰.

Todos nós e o povo da cidade, ainda peregrinos neste mundo, acreditávamos piamente que, nesse dia, um intercessor e um fiel advogado junto ao Senhor Altíssimo nos havia precedido no Reino dos céus.

Terminada a missa, os religiosos e os clérigos queriam dar logo sepultura ao santo corpo. Mas só conseguiram fazê-lo quatro dias depois. O povo acorria das aldeias e povoados vizinhos para ver este tesouro das virtudes, que refletiam os dotes espirituais do bem-aventurado Francisco.

Pelos méritos deste santo corpo, o Senhor Altíssimo operava prodígios: os cegos recuperavam a vista, os surdos ouviam, os coxos andavam, os endemoninhados eram libertados, os encurvados e aleijados ficavam eretos, os leprosos eram limpos e todos achavam conforto para as suas dores. E - o que é mais importante - alguns mortos voltaram à vida⁶¹.

Enquanto isso ocorria, o povo rasgava pedaços do seu hábito e levava parte de suas roupas como relíquia, deixando o seu puríssimo corpo quase desnudo. Vestido uma segunda e uma terceira vez pelos confrades, relíquias de suas vestimentas continuavam sendo levadas embora pelos fiéis.

[Milagres]

36. Chegou um curioso e começou a difamar o santo homem de Deus. Enquanto isso, um outro tirou a espada da bainha para cortar um pedaço do capuz de tão grande pai e levá-lo como objeto de veneração. Mas, premido pela multidão, atingiu com a

espada o olho do santo homem. E daquele santo corpo começou logo a jorrar sangue vivo, como se ele não estivesse morto, mas vivo. Sem dúvida, ele estava morto para o mundo, mas vivo para Deus⁶².

Diante disso, certo homem que antes não acreditava, agora batia no peito arrependido e pedia perdão e, a partir de então, tornou-se devoto do B. Francisco e começou a visitar mais freqüentemente o seu sagrado túmulo.

37. As palavras não são suficientes para narrar a quantidade e a grandeza dos milagres que Deus, em sua clemência, operou por intermédio do seu glorioso confessor Francisco. Todavia, para conforto de quem lê e escuta, são relatados a seguir alguns poucos fatos dentre os muitos e incontáveis que aconteceram.

38. No mesmo dia em que a alma do bondoso confessor de Cristo Francisco foi levada para as moradas do céu, a uma senhora, muito amiga dele, de nome Neca, que havia retirado do santo corpo pedaços de roupa, apareceu improvisamente o B. Francisco do mesmo jeito como era habitualmente visto quando vivia entre os homens. Ao vê-lo, a mulher ficou aterrorizada. O glorioso Francisco a confortou docemente dizendo-lhe: "Filha, não tenhas medo, mas vai depressa avisar os meus irmãos que coloquem o meu corpo num lugar mais conveniente. Aproveite à Rainha dos céus honrar na terra o meu corpo, assim como quis exaltar a minha alma entre os santos". Dito isso, desapareceu.

A mulher correu às pressas e, com lágrimas nos olhos, contou publicamente aos frades e a todos os presentes a visão que tivera.

39. Muitos meses depois, aconteceu que uma senhora, de nome Mita, mantelada⁶³ dos frades Pregadores, que gozava de boa reputação entre todos os habitantes da cidade de Sena, estando à beira da morte, por dois dias, foi raptada à contemplação das coisas celestes. Voltando a si, pôs-se a contar as maravilhosas visões que teve e, diante das perguntas dos presentes que lhe pediam uma palavra de conforto e de fé, respondeu com as palavras do Apóstolo: "*Algo que os olhos jamais viram*", etc.⁶⁴.

Como lhe pediam que dissesse o que tinha visto a respeito de alguns religiosos muito famosos no meio do povo e se os tinha visto na glória dos santos, ela respondeu: "O homem vê a aparência, o Senhor vê o coração⁶⁵. Muitos são brilhantes diante dos homens, mas tenebrosos perante o Altíssimo. Todavia, aqueles sobre os quais me perguntais, são eleitos, mas ainda não se encontram na glória com os santos".

A esta altura, algumas mulheres, que não acreditavam muito na santidade do B. Francisco, perguntaram-lhe por curiosidade: "Caríssima senhora, vistes o B. Francisco da Ordem dos Servos de Maria, por cujo intermédio parece que Deus opere grandes milagres?" E ela, com o rosto alegre, respondeu: "Filhas caríssimas, eu o vi glorioso como o sol diante da Rainha do céu e radiante de luz, enquanto a Rainha da corte celeste lhe colocava uma coroa na cabeça. Não deveis ter nenhuma dúvida sobre a glória da sua santidade". Pouco depois de dizer essas palavras, entregou a alma ao Criador. As mulheres, iluminadas por tal prodígio celeste, acreditaram com sincera devoção no glorioso Francisco e passaram a visitar assiduamente o seu sepulcro.

Eu quis incluir aqui este fato, embora tivessem ocorrido muitos outros antes dele, para que a primeira visão, aparição e manifestação da sua glória fossem confirmadas por esse grande elogio da segunda visão.

40. Enquanto grande número de pessoas visitava com muita devoção o seu túmulo, pois dele emanavam muitos dons espirituais e remédios físicos para os necessitados, um certo Vito di Andrea, da localidade chamada Camollia, pôs-se a difamar com palavras e gritos o santo homem de Deus. Subitamente foi acometido por febre alta e contínua que o obrigou a ir para a cama. Chamaram os médicos que procuraram descobrir a causa da doença, mas os exames dos sintomas não deram resultado. O mal continuou a agravar-se cada vez mais e três dias depois perdeu-se a esperança de salvá-lo: eram mais evidentes os sinais de morte que de cura. Mas aprouve ao Altíssimo que ele se lembrasse de ter difamado o homem de Deus e de ter sido incrédulo em relação a ele. Penalizado pelo mal feito, arrependeu-se e, acreditando na santidade dele, do íntimo do coração implorou sua intercessão. E prometeu que se fosse considerado digno de ser curado – o que ele na verdade não merecia – que, com toda devoção, iria a pé até o túmulo do santo homem. Nem bem tinha feito a promessa, subitamente pulou da cama sem febre e se pôs a proclamar que havia sido inesperadamente libertado e curado de todos os males graças aos méritos do B. Francisco. Cumpriu a promessa e se tornou um grande devoto do B. Francisco e dos frades.

41. Um certo Bartolomeu, julgando pouca coisa os milagres do B. Francisco, levantando a mão e o braço para o alto dizia: “Não que sei milagres são esses”. Naquele momento, a mão e o braço tornaram-se insensíveis como pedra e madeira e encolheram. Batendo no peito e chorando lágrimas abundantes, dirigiu-se ao sepulcro do santo de Deus, e prostrado por terra, recuperou o dom da saúde.

42. Outro homem, de nome João Dureliani, que há quatro anos estava com a mão necrosada, a tal ponto que não conseguiu abri-la nem alongar os dedos, foi ao túmulo do santo homem, logo a mão e os dedos se abriram.

43. Há muito tempo Bindo de Pieve di Castello começou a ter a vista obscurecida e as pupilas dos olhos ficaram de tal forma comprimidas que ele não conseguia enxergar quase nada. Foi levado ao túmulo do santo homem, onde implorou, com devoção, sua intercessão. Antes de terminar a oração, recebeu a graça da cura.

44. Uma mulher, de nome Tora, que há mais de oito anos tinha os joelhos e as pernas necrosadas e já não podia caminhar, foi levada ao túmulo do santo homem. Glorificando a Deus e ao glorioso Francisco, voltou para casa caminhando, sem precisar da ajuda de ninguém e sem cansar-se.

45. Uma outra senhora, chamada Tura, que há algum tempo sofria de surdez e não conseguia ouvir quase nada, vistos os milagres que Deus operava abundantemente por meio do seu servo Francisco, foi até o seu sepulcro, achegou-se ao seu corpo, tomou-lhe a mão e colocou-a devotamente sobre suas orelhas. Logo recobrou o dom da audição.

46. Tuccia de Poleta, da diocese de Florença, era possuída por um espírito maligno que há dez anos a atormentava cruelmente. Foi levada ao túmulo do B. Francisco e colocada diante do seu santo corpo. O espírito maligno, não podendo suportar a santidade dele, começou a dar sinais de sair da pobre mulher e, por fim, acabou saindo dela, deixando-a semimorta.

47. Uma senhora chamada Bília, viúva de Dino de Ponte d'Arbia, que há doze anos era possuída por um espírito maligno, ao tocar o corpo do B. Francisco, ficou totalmente libertada.

48. Um menino de dois anos e um mês, de nome Francisco, filho do senhor Nado, cidadão senense, foi acometido por febre alta. Por oito dias ficou sem mamar e sem tomar qualquer líquido, chegando à beira da morte. Diante do desespero geral, invocaram o B. Francisco. Feita a oração, algum tempo depois o menino ficou são e salvo, como se jamais tivesse estado doente.

49. Guido di Nerio de Belforte, da diocese de Sena, sofria de forte tremedeira dos membros desde a cabeça até os pés, e por quatro anos havia sofrido da doença chamada paralisai. Se tentasse segurar na mão um recipiente de água, logo a água se derramava. Sua cabeça se movia com tal freqüência que não ficava parada um momento sequer. Dirigiu-se então ao túmulo que guardava o corpo do B. Francisco, aí transcorreu rês dias e três noites, findos os quais ficou totalmente curado como se jamais tivesse estado doente.

50. Um homem chamado Minuzio, do hospital⁶⁶, tinha tido um filho de sua mulher. Esta, ao se aproximarem os dias do parto estava muita preocupada e começou a sentir-se oprimida pelas convulsões do parto. Quando chegaram as dores do parto, abortou e deu à luz uma figura de criança sem os órgãos vitais e sem respiro para manter vivo aquele pequeno corpo. Não chorava, nem respirava e nada sentia: parecia totalmente sem vida.

O pai, tomado pela tristeza, dirigiu-se ao B. Francisco com muita fé e devoção para que, por seus méritos, obtivesse de Deus o espírito vital e a alma racional para a criança. A graça divina não deixou de atender a suas preces. Três horas mais tarde, a criança começou a respirar e, como se tivesse saído logo do útero materno, cumpriu todas as funções do primeiro momento de vida. Alguns dias depois, regenerado pelo sacramento batismal, recebeu o nome de João. Nele, pelos méritos do B. Francisco, se havia manifestado a graça divina. Deus, glorificado nos seus santos, é quem por si só opera hoje grandes milagres como fez desde o princípio.

51. Vou contar outro célebre milagre, conhecido de todo o povo. Certo homem, chamado Vinuto, tinha um filho em idade infantil. Este, junto com outras crianças, chegou perto de uma fonte. Os colegas o empurraram e ele caiu na água, afundou e afogou-se. Foi tirado para fora desmaiado, sem dar nenhum sinal vital. Seu pai acorreu, levou-o para casa e, com lágrimas e muita devoção, invocou o B. Francisco. O menino recobrou logo a vida e pôs-se a caminhar sozinho como se, acordando do sono, nada tivesse sofrido.

52. Um certo Nicolau di Giunta teve de sua mulher Bruna um filho ao qual, na pia batismal, foi dado o nome de Guntino. Quando já tinha três anos, foi acometido por um forma violenta de epilepsia que o atormentava inclusive com fortes ataques de febre. Em poucos dias chegou à beira da morte devido à febre alta e à doença. Ficou dois dias como se nele não houvesse nenhuma função vital.

Os pais, profundamente desolados e chorando como se o menino estivesse já morto, com grande confiança e devoção invocaram o B. Francisco. A criança, como se nada tivesse acontecido, levantou-se do sono e recuperou totalmente a saúde. Os pais então o vestiram com o hábito da Ordem e o conduziram pelas ruas da cidade com uma vela na mão até o túmulo do santo homem. Proclamando publicamente que fora curado pelos méritos do B. Francisco, ofereceram-no com grande devoção diante do altar.

53. A mulher de um certo Pedro filho de Mino concebeu um filho. Na hora das dores do parto, as duas parteiras que a assistiam, uma de nome Turma e a outra Nuzia, tiraram do útero da mãe um menino morto. Deram notícia ao pai e à mãe e eles, com muita dor no coração e com lágrimas nos olhos, invocaram o B. Francisco. Logo o menino reviveu e seus pais o levaram até o túmulo do santo homem e o ofereceram devotamente sobre o seu altar.

54. Muzio de Buonconvnto, da diocese de Sena, tinha um filho de cerca de dois anos, que foi acometido por febre alta muito comum nessa idade, e por quatorze dias carregou esta doença sem tomar leite ou qualquer outro alimento, de tal forma que aos poucos suas forças vitais foram se extinguindo. No início da noite do décimo quarto dia, em meio às lágrimas dos seus pais, o menino acabou morrendo.

Na manhã seguinte, os pais invocaram o B. Francisco em favor do menino já morto e ele foi imediatamente libertado dos vínculos da morte, como se acordasse de um leve sono. E seus pais beijaram são e salvo aquele que tinham chorado como morto. Levaram-no então ao túmulo do B. Francisco e o mostraram a todos os frades. Eu também o vi e o tomei em meus braços, movido pela devoção que o milagre inspirava.

55. Foi para exaltar a sua santidade que eu relatei estes fatos, entre tantos outros que aconteceram. Se tu, ó leitor, quiseses saber mais e conhecer outros fatos importantes, procura o livro dos seus milagres⁶⁷, onde são narrados prodígios de toda sorte. Não houve qualquer tipo de doença que o Altíssimo não tenha curado, pelos méritos do santo confessor de Cristo Francisco.

56. Até aqui quem escreveu esta *legenda*, narrou a vida do nosso bem-aventurado Francisco e relatou seus grandes milagres foi o reverendo frei Cristóvão de Parma, digníssimo vigário do prior geral da nossa excelentíssima Ordem⁶⁸. Sendo que os homens, por natureza, desejam saber muitas coisas, tendo sido encarregado de ler e estudar o livro dos milagres, é meu desejo que a esta legenda se acrescente um milagre que descobri, de tal forma que eu possa dar testemunho da palavra da verdade, que se manifestou brilhantemente no B. Francisco, ou seja: cada palavra seja confirmada pela boca de dois ou três. O que eu quero acrescentar à legenda aconteceu no ano do Senhor de 1329, no mês de agosto, e - pelo que me consta - foi autenticado por um escrivão. Assim está escrito no livro dos milagres:

57. Um menino de quatro anos, chamado Bento, filho de Geri Lanarvoli⁶⁹, da paróquia de São Martinho, nunca tinha caminhado desde o nascimento até quando foi levado ao túmulo do B. Francisco. Chegados ao túmulo, o menino ficou logo curado. São testemunhas: o pai Geri, a mãe Mea, a irmã Minuccia e muitos outros, cujos nomes seria cansativo elencar. Isso é o que está lá escrito.

58. Eu, frei Bento, o menino supracitado e menor de todos, servo inútil e ingrato, a quem foram concedidos tantos e tais favores, escolhido entre os pecadores e injustos, aos quais, como sabemos, Deus não escuta, certamente não tenho a capacidade de colocar por escrito o que proclamarei em alta voz a respeito do nosso ilustríssimo e célebre pai, o B. Francisco.

Além disso, minha ignorância me impede de tecer elogios dignos dele, de cantar-lhe louvores e de exaltar sem cessar as suas virtudes. Meu testemunho não se baseia apenas

no fato de ter lido os escritos referentes ao B. Francisco, mas principalmente porque eu mesmo ouvi milhares de vezes falarem dele meu pai, minha mãe, minha irmã e muitos outros.

Sendo criança, como se acordasse de um breve sono, não podia recordar-me de ter sido colocado sobre o seu altar, mas o ouvi dizer. Parece-me evidente, pois, que essa doença aconteceu para a glória do santo homem. Saindo do ventre de minha mãe, fui levado à fonte batismal e colocado diante do pároco. Este, ao ver-me, disse maravilhado aos que me acompanhavam: "Não sabeis que quem mantém (sem batismo) uma criatura por muitos dias está sujeito à excomunhão?" E lhe responderam: "Nasceu hoje".

Até que meu pai e minha mãe estavam vivos, todos os anos me mandavam com uma vela à festa do B. Francisco e muitas vezes eles mesmos me acompanhavam. É para o louvor do santo homem que escrevo o que me foi transmitido.

Quando cheguei ao uso da razão, tive o desejo de ingressar na Ordem dos Frades Menores, mas os meus conhecidos me diziam abertamente: "Não pode absolutamente acontecer que entres na Ordem dos Frades Menores, porque em ti o B. Francisco da Ordem dos Servos mostrou claramente o seu grande poder". Por isso eu, sem compreender os desígnios de Deus e sem querer menosprezar o B. Francisco ou a sua Ordem, mas seguindo a devoção do meu espírito infantil, até o dia de ingressar numa Ordem, pedi para entrar na Ordem dos Frades Menores por um mês.

Fazia dois anos que meus pais me tinham deixado só neste mundo. Entretanto, inspirado pelos méritos do B. Francisco através das palavras proferidas por certo homem, embora sendo servo mau e infiel, ingressei nesta sua Ordem no ano do Senhor de 1341, na vigília da festa de Santo André, apóstolo de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja dada honra e glória perene com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém.

Alguns milagres do B. Francisco que não foram registrados na *Legenda*

Para que não se perca a lembrança de tão grandes milagres e das virtudes do ilustríssimo santo homem, o B. Francisco, quero registrar, o mais brevemente possível, entre os muitos milagres, alguns que encontrei autenticados por mão notarial.

1. A senhora Guilhermina, viúva de André, da localidade senense de Vallepiatta, tinha o braço paralisado e não conseguia movê-lo. Ao tocar a mão do B. Francisco, ficou imediatamente curada diante de todo o povo.

2. O senhor João de Gualtiero Malevolti sofria fortes dores de cabeça que chegavam a impedir-lhe a visão. Tanta era a dor que não conseguia dormir. Rezou devotamente invocando o B. Francisco e logo ficou curado.

3. João de Mino de Leonina, fazia três meses que tinha as pernas paralisadas. Foi ao túmulo do B. Francisco e ficou curado à vista de todos.

4. Bartolomeu de Simone tinha perdido um braço que estava paralisado. Fez uma promessa ao B. Francisco e logo ficou curado.

5. No mesmo dia em que o reverendo padre Francisco migrou para Cristo, uma mulher chamada Gerrona, esposa de Manfredo, que tinha um enorme abscesso na perna direita, tendo já o médico perdido a esperança de curá-la, foi persuadida a invocar

devotamente o B. Francisco. Adormecendo, ouviu uma voz que lhe dizia de fazê-lo. E ao acordar, ouvia a mesma voz, mas não via ninguém e nem sabia de onde vinha a voz. Por isso, com muita fé, fez um voto. Na manhã seguinte, ao levantar-se, percebeu que estava totalmente curada da doença que era conhecida de todos, graças aos méritos do B. Francisco.

6. Uma mulher chamada Balduccia di Incontro, da localidade de San Quirico, no condado de Sena, fazia mais de quatro meses que sofria de uma doença no olho direito, a tal ponto que não conseguia enxergar sequer até os pés. Invocou o santo homem e logo ficou curada. Em seguida, saiu de casa e, de pé no chão, foi visitar o túmulo do B. Francisco.

7. Um comerciante de Pieve di Marmoraia, que era cego de um olho, fez devotamente uma promessa ao santo homem e logo recuperou a visão.

8. Uma senhora chamada Mina, esposa de um tal Dato de Fileta, sofria de uma doença nos olhos que lhe impedia de ver a luz. Ouvindo falar das virtudes de tão grande santos, visitou com muita devoção o seu túmulo. Ali, diante de muita gente, foi curada e voltou para casa enxergando.

9. Um certo Casino de Casini, de Monte Santa Maria, no condado de Sena, tinha-se machucado ao carregar um fardo pesado, de tal forma que os intestinos fazia quatro meses que tinham descido até a bexiga. Ouvindo falar dos milagres do B Francisco, com muita devoção foi visitar seu túmulo e, feita a oração, percebeu que estava curado.

10. Ângelo de Nutino de Nado sentia dores no peito tão fortes que todos temiam pela sua vida. Sua enfermeira o recomendou devotamente ao B. Francisco e ele sarou na mesma hora.

11. Um certio Pedro de Saltuccio que há um ano sofria de febre alta, invocou devotamente o B. Francisco e, embora febril, foi visitar o seu túmulo. E lá ficou curado á vista de todos.

12. A senhora Ângela, esposa do senhor Gontiero, tinha uma filha que sofria de febre alta havia cinco semanas. Ouvindo falar da vida e dos milagres do B. Francisco, com muita devoção ofereceu-lhe sua filha como um voto. Graças aos méritos do B. Francisco, sua fé foi recompensada e a filha curada.

13. Urso de Naddo de Marlia di Lucca, que tinha o lado direito do corpo paralisado, ouviu falar do B. Francisco. Proveniente dos banhos, com muita fé se colocou devotamente diante do corpo do bem-aventurado. E ele, que há muitos meses tinha sofrido e não fora curado nem pelos banhos nem pelo tratamento médico, ficou logo curado diante de muita gente.

14. Também Mante, doméstica do senhor Ângelo Grifoli, paralisada do lado direito do corpo, fez uma promessa ao santo homem e ficou logo curada.

15. Pancolino de Montaperti, epilético, fez uma promessa e, pelos méritos do B. Francisco, ficou livre da doença.

16. Um homem de Montepulciano, surdo que há mais de um ano, recomendou-se ao B. Francisco e ficou logo curado.

17. Nove dias depois da morte do B. Francisco, certo homem, enquanto comia à noite alface e queijo, de repente começou a sentir fortes dores, de tal forma que todos pensavam⁷⁰.

18. Um menino, filho de um certo Crasso Barletaio, da paróquia de São Jorge, morreu ao lhe cair na cabeça um grande pedaço de carne seca pendurada no alto. Pelos méritos do bem-aventurado Francisco e a oração que fizeram por ele sua mãe e familiares, voltou à vida. Este fato, eu o extraí do relato de um nosso frade autenticado com a assinatura do escrivão.

¹ *b* 1,1. A solenidade destas palavras iniciais nos recorda a introdução de algumas das primeiras *legendas* de São Domingos.

² *2Cor* 1,3.

³ *1Pd* 2,9.

⁴ *Tt* 2, 12-13a.

⁵ *1Cor* 9,24-25.

⁶ O símbolo do lírio encerra em si toda a vida do B. Francisco, na qual sobressai principalmente a virgindade (cf. nº 6, 8, 9, 14, 27). Por isso, a Mãe de Deus é chamada e invocada como *Virgem Gloriosa*, *Virgem Mãe*, *Virgem* e também *Rainha das Virgens*.

⁷ *Lc* 1, 58.

⁸ *Lc* 1, 41.44.

⁹ *Lc* 1,66. Todo o parágrafo estabelece um paralelo entre João Batista e o B. Francisco.

¹⁰ É uma definição da Ordem dos Servos de Maria que enfatiza a característica de ser propriedade especial da Virgem Maria, segundo uma concepção que se encontra também na Legenda sobre a origem da Ordem.

¹¹ *1Sm* 1, 22ss.

¹² A palavra (que aqui aparece no diminutivo: *armariolum*), de derivação patrística (cf., por exemplo, São Jerônimo, *Carta* 60, 10-8-9) é típica da literatura monástica medieval. O "*armarium*" é a biblioteca do mosteiro. O termo se encontra também na *Legenda Perusina* de São Filipe (ed. Montagna, p. 14-15, 40-42).

¹³ Sobre o B. Ambrósio Sansedoni, cf. p. 324, notas 26 e 27.

¹⁴ Teodoro Studita, *Vita di Arsenio*, cap. IV, n. 4.

¹⁵ Também o "desejo do deserto" pode ser visto na mesma ótica do paralelismo entre João batista e o B. Francisco.

¹⁶ Cf. *Legenda de origine*, nº 7.

¹⁷ O serviço a Virgem Maria é intimamente ligado ao serviço a Deus. No parágrafo seguinte (nº 8) diz-se que Francisco escolhe a Ordem dos Servos de Maria para servir, com sua vida virginal, a "Virgem Mãe e o Filho da Virgem".

¹⁸ *1Sm* 15, 22.

¹⁹ *Eclo* 21, 2.

²⁰ *Mt* 24, 42.

²¹ *Ex* 34, 29.

²² *Is* 24, 16 LXX e Vg

²³ Palavras com que o sacerdote abençoa o diácono ou que ele mesmo pronuncia antes de proclamar o evangelho.

²⁴ *Pr* 2, 6.

²⁵ *Tg* 1, 5.

²⁶ *At* 4, 13.

²⁷ *Lc* 10, 42.

-
- ²⁸ *Sb* 18, 14.
- ²⁹ *Hb* 11, 10.16.
- ³⁰ *Sl* 1, 2.
- ³¹ *Eclo* 33, 25.
- ³² *Pr* 29, 21
- ³³ *Rm* 8, 28.
- ³⁴ *1Cor* 9, 13.
- ³⁵ *1Cor* 9, 11.
- ³⁶ *Fl* 1, 23.
- ³⁷ *Fl* 1, 21.
- ³⁸ *Jo* 13, 7.
- ³⁹ Trata-se da terrível epidemia da peste de 1348, que atacou a Europa inteira, ceifando mais de trinta milhões de vidas, isto é, cerca de um terço dos habitantes do continente.
- ⁴⁰ *Lc* 22, 15.
- ⁴¹ *Ct* 7, 11.
- ⁴² A felicidade eterna que a Virgem obtém do Filho para os seus Servos é o prêmio do serviço fielmente cumprido *até a morte*. Cf. *Legenda sobre origem da Ordem, nº 28 (a morte de Santo Aleixo)*.
- ⁴³ *S/57*, 8-9.
- ⁴⁴ *S/71*, 17.
- ⁴⁵ *S/42*, 2-23.
- ⁴⁶ *S/84*, 2-3.
- ⁴⁷ *S/31*, 20.
- ⁴⁸ *S/26*, 8.
- ⁴⁹ *S/27*, 4.
- ⁵⁰ *S/31*, 2.3.6 (71,1).
- ⁵¹ *S/18*, 2-3.
- ⁵² *S/18*, 2-3.
- ⁵³ *S/4*, 9.
- ⁵⁴ É o *salmo* 95, assim chamado porque é o salmo de abertura e de convite para a oração comum.
- ⁵⁵ *S/95*, 8.
- ⁵⁶ *S/95*, 10.
- ⁵⁷ *S/31*, 6; *Lc* 23, 46.
- ⁵⁸ A indicação é um período de 15 anos contados a partir do ano de 313 (Constantino e a Paz da Igreja). Os anos de cada um desses períodos eram numerados progressivamente de 1 a 15, depois de recomeçava do começo. A indicação começou a ser utilizada em 1088 pela chancelaria papal e vigorou por toda a Idade Média.
- ⁵⁹ Tiago Duèse de Cahors, papa de Avinhão de 1316 a 1334.
- ⁶⁰ É o canto de entrada (intróito) usado na missa solene das festas.
- ⁶¹ *Mt* 11, 5; *Lc* 7, 22.
- ⁶² *Rm* 6, 11.
- ⁶³ *Mantelados* ou *manteladas*, nome que deriva do manto que usavam, eram os leigos pertencentes à Ordem Terceira.
- ⁶⁴ *1Cor* 2, 9.
- ⁶⁵ *1Sm* 16, 7.
- ⁶⁶ Trata-se do famoso hospital senense de Santa Maria della Scala, onde prestaram serviço pessoas importantes da época. Veja-se, em particular, o B. Tiago de Città della Pieve, chamado "Esmoleiro" (1270ca.-1304), terciário dos Servos de Maria e da Ordem dos Franciscanos.
- ⁶⁷ Este *livro dos milagres*, devidamente autenticado por escrivães, como dirá mais adiante frei Bento di Geri, ainda existia no tempo dos nossos historiadores Pocianti e Gianni.
- ⁶⁸ Cf. *Introdução*.
- ⁶⁹ *Ibid*.
- ⁷⁰ Aqui interrompe-se o manuscrito copiado por Palombella. O milagre seguinte está escrito, em caracteres menores, na parte inferior da segunda coluna da última folha.